

## A PROVÍNCIA DA BELEZA

**Paulo Tunhas**

Professor Auxiliar

Instituto de Filosofia - Departamento de Filosofia

Faculdade de Letras

Universidade do Porto, Porto, Portugal

[paulo.tunhas@gmail.com](mailto:paulo.tunhas@gmail.com)

**RESUMO**

A poética de Poe é aqui vista como tendo a sua base numa dupla distinção entre três formas de objectos de pensamento – a Verdade, o Belo e o Dever – e três capacidades do espírito – o Intelecto Puro, o Sabor e o Sentido Moral.

**PALAVRAS-CHAVE**

Beleza, Verdade, Puro intelecto, Gosto, Sentido moral

**ABSTRACT**

Poe's poetics is here conceived as having its basis in a twofold distinction between three kinds of objects of thought - the True, the Beautiful and the Duty – and three faculties of the mind – the Pure Intellect, the Taste and the Moral Sense.

**KEYWORDS**

Beauty, Truth, Pure Intellect, Taste, Moral Sense

Procurarei apenas, nas poucas linhas que se seguem, indicar um aspecto que me parece dever ser salientado na poética de Edgar Allan Poe: o modo como ela se institui sobre uma tripartição das faculdades do espírito à qual corresponde uma distinção entre três tipos muito gerais de objectos de pensamento.

O contexto de base em que é formulada a poética de Poe é, com efeito, o de uma divisão dos objectos de pensamento bem como dos fins e das operações do espírito que lhes correspondem. Assim, a divisão entre poesia e ciência corresponde à divisão entre prazer e verdade: “Na minha opinião, um poema opõe-se a uma obra de ciência por ter como seu objectivo *imediatamente* o prazer e não a verdade” (Poe, *Textos* 26). Em “O princípio poético,” tal separação é ainda mais fortemente acentuada:

**Com certeza que deve ser cego *aquela* que não percebe as diferenças radicais e abissais entre os modos de inculcação da verdade e da poesia. Deve ser um louco pela teoria e sem redenção possível aquele que, apesar destas diferenças, persiste ainda na tentativa de reconciliar os obstinados azeites e águas da Poesia e da Verdade (Poe, *Textos* 151, 152).**

O soneto *To Science* expõe igualmente esta incompatibilidade que, segundo Poe, existe entre a percepção poética e a percepção científica (cf. Abrams 308).

O objecto da poesia é “a *excelência*, ou perfeição, em todos os pontos” (Poe, *textos* 42). A afirmação da beleza, a posição da sua existência, é tudo o que interessa à poesia: a beleza é a “única e verdadeira tese poética” (Poe, *textos* 47). Quais as condições dessa posição, dessa tese? Notemos apenas duas, a título ilustrativo: a relação todo/partes e o par repetição/variação. As poéticas, em geral, reclamam a unidade como princípio ordenador da composição. A poética de Edgar Allan Poe não é excepção. A “unidade de impressão,” ou “unidade de efeito” que um poema provoca, o sentimento de “totalidade,” são imprescindíveis para que se verifique o prazer poético, como nos lembra “A filosofia da composição” (Poe, *textos* 36-38). E “O princípio poético” repete-o: a unidade é um “requisito vital para todas as obras de arte” (Poe, *textos* 142). A unidade é concebida à maneira orgânica, quer dizer, como um todo do qual nenhuma parte pode ser retirada sem prejuízo para a sua identidade (Poe, *Essays* 365). Um outro aspecto relativo ao prazer poético, e que se encontra intimamente associado ao tema da unidade, reside no par repetição/variação. Analisando, em “A filosofia da composição,” “O Corvo,” Poe nota que o “prazer resulta apenas do sentido de identidade – da repetição” (Poe, *Textos* 40). Mas para que a repetição e a identidade sejam mais efectivas, é necessário acrescentar-lhes um princípio de variação: “Resolvi diversificar, e assim grandemente intensificar o efeito, aderindo, em geral, à monotonia do som, enquanto continuamente variava a do pensamento” (40)<sup>1</sup>. Ambos estes pares valem, em princípio, apenas para a província da Beleza, não para a da Verdade. Não valem, igualmente, para a da Paixão. Com efeito, Poe não se limita a opor Beleza e Verdade. Ele introduz – obedecendo nisso a uma tripartição dos objectos de pensamento que o jogo entre as três Críticas kantianas tornou clássica – uma terceira província, a da Paixão. A beleza, como já se viu, é “a única e legítima província do poema” e a “contemplanção do Belo” é a mais segura fonte de prazer (Poe, *Textos*

1 Sobre a variação, cf. igualmente Poe (*Textos* 43, 45).

38). E ela distingue-se tanto da verdade - que corresponde à "satisfação do intelecto" e que remete para uma "precisão" que nada tem a ver com a beleza - como da paixão - que lida com a "excitação do coração" e que supõe a "intimidade" com o seu objecto (Poe, *Textos* 39). Em "O princípio poético" esta tripartição dos objectos será acompanhada por uma distinção de faculdades, uma "divisão do mundo da mente":

**"Dividindo o mundo da mente nas suas três distinções mais imediatas e óbvias, encontramos o Puro Intelecto, o Gosto e o Sentido Moral (...) Da mesma maneira que o Intelecto se preocupa com a Verdade, assim o Gosto nos informa sobre o Belo, enquanto o Sentido Moral se responsabiliza pelo Dever" (Poe, *Textos* 152)<sup>2</sup>.**

Noutros textos, Poe designa o gosto como "faculdade de idealidade" <*Faculty of Ideality*>, o "sentimento da Poesia," o "sentido do belo," algo que cada poema deve excitar, e pode excitá-lo exactamente porque a humanidade se encontra dotada desse "Sentimento Poético," dessa "faculdade Poética" [recensão de livros de Joseph Rodman Drake e de Fitz-Greene Halleck (Poe, *Essays* 510, 511)]. A poesia é a "criada do Gosto" [recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (685)], ela permite a actualização de uma disponibilidade que se encontra sempre já presente.

Convém notar - e mais uma vez aqui a referência a Kant aparece como necessária, se pensarmos no estatuto intermediário da *Crítica da faculdade de julgar* por relação às duas outras Críticas - que o Gosto possui uma função mediadora entre o Puro Intelecto e o Sentido Moral: "Coloco o Gosto no meio porque é exactamente essa a posição que ele ocupa na mente" (Poe, *Textos* 152)<sup>3</sup>, a de um "espaço intermediário" [recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (685)]. Seria certamente útil inquirir mais longamente sobre o que faz o Gosto ocupar a posição que ocupa. Um ponto indisputável é o carácter indefinido da verdadeira beleza (cf. Bowra 190, que aproxima, neste como noutros aspectos, a posição de Poe da de Coleridge; e Abrams 137, que associa Poe e Longino). É a indefinição - noutros termos: a ausência de determinação - que garante a possibilidade mediadora do gosto, já que ela permite que a "província da beleza" não fique presa a nenhuma objectividade concreta (lembramos a crítica da "precisão" acima mencionada).

Esta articulação entre os três objectos de pensamento (Verdadeiro, Belo, Dever) e as três maneiras de pensar (Puro Intelecto, Gosto, Sentido Moral), repete, num plano superior, aquela relação entre o todo e as partes que é fundamental na poética de Poe e que, evidentemente, se encontra já em Aristóteles (no capítulo VII da *Poética*, Aristóteles, falando do todo <*to holon*> e da relação entre as partes, compara os mitos, ou fábulas, aos organismos vivos; e, no capítulo XXIII, referindo-se à identidade das leis da poesia e da tragédia, repete a ideia: a estrutura dramática do *mythos* da epopeia deve, tal como a da tragédia, ser constituída por "uma acção inteira e completa, com princípio, meio e fim, para que, una e completa, qual organismo vivente, venha a produzir o prazer que lhe é próprio"). Com efeito, o todo sistemático sobre o qual se institui a poética de Poe, integra, numa relação complexa, as várias partes que são os objectos de pensamento e as correspondentes maneiras de pensar. O

2 Cf. tb. a recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (Poe, *Essays* 685; Bowra 177).

3 Tradução modificada.

que sugere, de resto, a possibilidade de uma poética da filosofia – matéria que me dispenso aqui de abordar.

Procurei apenas, nestas muito breves linhas, mostrar, como indiquei no início, que a geografia das operações da mente de que parte Poe na sua poética obedece a considerações de sistematicidade fortes, ligadas a uma distinção entre várias faculdades do espírito e vários tipos de objectos de pensamento. Referi-me, e unicamente de passagem, à obra de Kant, como um lugar onde uma divisão idêntica se encontra, mas os exemplos poderiam ser outros. Desde Platão – a tríade do Belo, do Bom e do Verdadeiro – a autores tão diversos como Ernst Cassirer ou Rudolf Carnap, passando por certas versões dos transcendentais medievais, a relação entre o pensamento e os objectos foi muitas vezes assim concebida pela filosofia.

## BIBLIOGRAFIA

Abrams, Meyer H. *The Mirror and the Lamp*. Oxford: Oxford UP, 1953.

Aristóteles. *Poética*. Ed. Eudoro Sousa. Lisboa: IN-CM, 1992.

Bowra, Maurice. *The Romantic Imagination*. Oxford: Oxford UP, 1980.

Poe, Edgar A. *Essays and Reviews*. New York: The Library of America, 1984.

---. *Textos teóricos*. Ed. Helena Barbas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.